

# A arte como acrópole e a mercantilização da *poíesis*<sup>1</sup>

---

Jessica Pingarilho Batista

## Resumo

Este artigo tem como objetivo articular as dimensões da captura da arte, sua relação com as torções do sujeito e a maneira com que, na atualidade, a máxima da mercantilização e do consumo desenfreados ancorada no discurso capitalista distorce e esvazia o fazer poético. Propõe-se uma oposição radical a essa tentativa de esvaziar o fazer subjetivo por meio de dispositivos tecnológicos e jogos de poder encarnados no poder aquisitivo, a partir de uma leitura e postura psicanalítica, buscando resgatar o sujeito do fazer poético, furado e dividido entre a dimensão significante da palavra e a dimensão indizível do Real que o atravessa.

## Palavras-chave:

Arte; Psicanálise; *Poíesis*.

## Art as acropolis and the commodification of *poíesis*

## Abstract

This article aims to articulate the dimensions of the capture of art, its relationship with the twists of the subject and the way in which, today, the maxim of unbridled commodification and consumption anchored in capitalist discourse distorts and empties poetic making. A radical opposition is proposed to this attempt to empty the subjective doing through technological devices and power games embodied in purchasing power, from a psychoanalytic reading and posture, seeking to rescue the subject of poetic doing, bored and divided between the dimension signifier, of the word and the unspeakable dimension of the Real that crosses it.

## Keywords:

Art; Psychoanalysis; *Poíesis*.

---

1 Na filosofia grega, em especial nas obras de Aristóteles e Platão, a definição de *poíesis* é vasta. Neste trabalho, o sentido apontado é o do artista e da arte, na medida em que vigora no ser como sujeito inconsciente e da linguagem. O fazer poético (no sentido mais amplo, que abarca todo o fazer artístico, e não somente a poesia) é que denuncia a divisão subjetiva.

## El arte como acrópolis y la mercantilización de la *poíesis*

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo articular las dimensiones de la captura del arte, su relación con los giros del sujeto y la forma en que, hoy, la máxima de mercantilización y consumo desenfrenado anclada en el discurso capitalista distorsiona y vacía el hacer poético. Se propone una oposición radical a este intento de vaciar el hacer subjetivo a través de dispositivos tecnológicos y juegos de poder encarnados en el poder adquisitivo, desde una lectura y postura psicoanalítica, buscando rescatar al sujeto del hacer poético, aburrido y dividido entre la dimensión significante, de la palabra y la dimensión indecible de lo Real que la atraviesa.

### Palabras clave:

Arte; Psicoanálisis; *Poíesis*.

## L'art comme acropole et la marchandisation de *poíesis*

### Résumé

Cet article vise à articuler les dimensions de la captation de l'art, son rapport aux détours du sujet et la manière dont, aujourd'hui, la maxime de marchandisation et de consommation débridée ancrée dans le discours capitaliste déforme et vide la fabrique poétique. Une opposition radicale est proposée à cette tentative de vider le faire subjectif par des dispositifs technologiques et des jeux de pouvoir incarnés dans le pouvoir d'achat, d'une lecture et d'une posture psychanalytiques, cherchant à sauver le sujet du faire poétique, ennuyé et partagé entre la dimension signifiante, de la parole et la dimension indicible du Réel qui la traverse.

### Mots-clés :

Art ; Psychanalyse ; *Poíesis*.

## Introdução

Este artigo é resultado da disciplina “Tópicos especiais – a noção lacaniana de *lalíngua*”, ministrada pela professora doutora Roseane Freitas Nicolau no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) no primeiro semestre de 2023, e tem como objetivo articular as dimensões da captura da arte, sua relação com as torções do sujeito e a maneira com que, na atualidade, a máxima da mercantilização e do consumo desenfreados ancorada no discurso capitalista distorce e esvazia o fazer poético.

A teoria psicanalítica há de considerar o sujeito e o discurso a partir de elementos que nos levem a pensar em um espaço — ou em uma topologia — multifacetado e mais complexo do que uma esfera de aparência e dicotomias (dentro-fora/interior-exterior). Assim, sob diversos aspectos, o fazer psicanalítico tem como premissa uma relação interior-exterior que é complexa e na qual esses conceitos não se localizam em lados opostos, como em uma dualidade, mas, sim, se entrelaçam. Para tanto, qual seria o sujeito da experiência psicanalítica?

O que a experiência nos aponta como horizonte é a manifestação da problemática do sujeito articulado inconsciente, em que essas articulações e passagens nos remetem à constante relação entre psicanálise e cultura. Assim, demarcar a experiência psicanalítica comporta sempre considerar que esta, necessariamente, articula estes dois regimes: o campo conceitual da psicanálise e os lugares e fazeres da dimensão da cultura. A estrutura no sujeito prescinde de uma relação entre elementos ditos “internos” e a alteridade, em que o inconsciente se localiza no entre, nesse espaço entre sujeito e objeto, significante e outro etc. Friso a clínica psicanalítica como fundamental para considerar esses processos, pois é no *setting* analítico, no bordejar do discurso do sujeito que se apresenta diante de nós, que essas nuances se desvelam.

Em “Psicologia das massas e análise de eu”, Freud (1921/2020, p. 178) desenha a identificação como uma operação crucial na pré-história da trama edipiana, pois a define como “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa”. A criança tem o pai como um ideal a ser seguido, ao mesmo tempo que toma a mãe como objeto libidinal, até que se dissolva o complexo de Édipo e ela comece a tomar outros objetos de desejo.

Ainda no mesmo texto, descreve três formas de identificação. A primeira, relacionada com a própria definição de identificação como a mais antiga ligação afetiva, corresponderia ao que é ser humano, sendo o pai tomado como um ideal de identidade com o que é humano. Já as duas outras formas estariam relacionadas com a formação do sintoma histérico, trazendo como exemplo uma menina que adota o mesmo sintoma de sofrimento da mãe, e Dora, ao imitar a tosse do pai, observa que “a identificação é parcial e altamente limitada, tomando empres-

tado apenas um traço único [*nur einen einzigen Zug*] da pessoa-objeto” (Freud, 1921/2020, p. 180). A terceira forma remete ainda à formação do sintoma no sentido de colocar-se na mesma situação do outro, em que a identificação desconsidera a relação objetal com a pessoa copiada, tendo como fundamento o “poder colocar-se ou querer colocar-se no mesmo lugar [desta]” (Freud, 1921/2020, p. 180).

Lacan retoma as definições freudianas acerca da identificação e a relaciona com a constituição do sujeito, na medida em que este se constitui através do laço com o outro. E podemos considerá-la como fundante estrutural do inconsciente e da série de significantes (Cruglak, 2001). A estrutura no sujeito prescinde dessa relação entre elementos ditos “internos” e a alteridade. O inconsciente se localiza no entre, nesse espaço entre sujeito e objeto, significante outro etc. Compreendendo, com Lacan (1960/1998, p. 813), que o inconsciente, “(...) desde Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar [numa outra cena, escreve ele] se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma”.

A subjetividade em jogo na psicanálise não é solipsista,<sup>2</sup> posto que nossas experiências se enlaçam em cadeias significantes que remetem ao singular de nossa constituição psíquica. Freud (1921/2020) aponta que não há distinção entre psicologia individual e psicologia social, e, no momento da passagem entre a postulação da segunda tópica, com a demarcação do conceito de pulsão de morte (Freud, 1920/2016), e seus escritos sobre a instância do Supereu (Freud, 1923/2011), compreende que a constituição da subjetividade implica a dimensão do grande Outro da alteridade, regime que abarca o semelhante e além. No *ethos*<sup>3</sup> desse grande Outro, vemos surgir a dimensão dos discursos. O inconsciente não é uma interioridade, mas, sim, uma dimensão que comporta um laço, uma passagem por algo que é da ordem de uma “janela”. Que tipo de ponte, de litoral, se estabelece entre a subjetividade em jogo na prática psicanalítica e as diversas dimensões da alteridade que a cultura coloca?

## Divisão subjetiva e a arte como dizer cultural

Na filosofia grega, em especial nas obras de Aristóteles e Platão, a definição de *poíesis* é vasta. Neste trabalho, o sentido apontado é o do artista e da arte, na medida em que vigora no ser como sujeito inconsciente e da linguagem. Platão (2011) considera que a *poíesis* pode se dar em inúmeras produções: “é toda causa que vai do que é para o que não é; do mesmo modo também as atividades sob todas

2 Sujeito que se basta, ensimesmado, encerrado; relativo à doutrina filosófica que se pauta em uma única realidade do eu empírico, segundo a qual nada existe fora do pensamento individual, sendo a percepção uma impressão (Dicio, Dicionário online de português, 2021).

3 A partir daquilo que instaura e constitui a dimensão do grande Outro como tesouro dos significantes, que inaugura o circuito pulsional e, portanto, a dimensão dos discursos.

as artes são *poiéseis* e todos os seus artesões são poetas”, fazendo alusão à *poiesis* estando relacionada com o processo criador. Pensando na construção dessa dimensão, o fazer poético (no sentido mais amplo, que abarca todo o fazer artístico, e não somente a poesia) denuncia a divisão subjetiva.

Consideramos com Freud (1924/2011) a suposição de que os mais variados fatos da vida inconsciente estão presentes em toda parte e são passíveis de ser encontrados em toda dimensão relacionada com o fazer e o criar humano. O campo do simbólico é comum a todo sujeito humano, assim como a cultura; portanto, é possível situar o dizer analítico, que compreende esse sujeito como constituído, como um saber e um discurso intermediário que estabelece as realidades individuais e coletivas. Como explicitado em seu texto “Resumo da psicanálise” (1924/2011), Freud formula que uma porção da atividade mental humana se ocuparia em lidar com o mundo externo, real, e outra parte da produção psíquica estaria a serviço da realização de desejos reprimidos que habitam a alma humana desde a infância. Tais criações circulariam entre os mitos, a literatura e a arte. Assim, considera que, ainda que a apreciação estética da arte e as formulações sobre o talento artístico não sejam tarefas da psicanálise, esta “está em condições de dar a palavra decisiva em todas as questões atinentes à vida da fantasia no ser humano” (Freud, 1924/2011, pp. 222-223).

A arte — ou o fazer poético —, portanto, posiciona-se como vazão das pulsões inconscientes e busca fazer ponte com os fenômenos culturais, na mesma medida em que sua representação simbólica também faz laço com o expectador, que é capturado por uma parcela significativa, que diz respeito a seu próprio mundo inconsciente. A operação simbólica da obra dos artistas busca dar voz ao que não tem voz, ao indizível e devastador da pulsão. Não somente no registro simbólico, mas por uma operação imaginária, demarcada ou compreendida a partir das experiências e da realidade histórico-social e política de cada sujeito e como representação acústica, imagem, filme, sonoridade, letra. Tal operação também toca no Real, no fantasma, na angústia de cada sujeito, sendo entrelaçamento o ponto crucial para podermos pensar o fazer artístico não somente como representação simbólica subjetiva, particular, mas também como um dizer cultural que toca em diversos regimes de operação.

Freud (Freud, 1920/2016, p. 130) compreende o princípio do prazer como uma “tendência a serviço de uma função encarregada de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre de excitações ou manter o nível de excitação nele constante ou no patamar mais baixo possível”, como em uma função de drenagem. Porém, há “uma compulsão à repetição que se coloca acima” (Freud, 1920/2016, p. 64), que seria a pulsão de morte, demarcando que: o que diz respeito ao sujeito articulado inconsciente gira em torno de restos, de uma dimensão não contornada pela linguagem e que tem uma força pulsional intensa.

O que está em jogo para a psicanálise é a maneira com que a estrutura do sujeito opera nas dimensões a partir de suas experiências, considerando a cultura em que se insere. Algo que é da ordem do encontro é que constitui o sujeito, que se articula nessas dimensões e que é bordejado por uma força inconsciente da ordem do indizível, não óbvia. Quando pensamos nos fenômenos da cultura e em suas representações — considerando aqui a literatura e a arte —, com o que nos deparamos? De que ordem é esse encontro?

Na carta aberta “Um distúrbio de memória na acrópole”, Freud (1936/1996) se corresponde com Romain Rolland, romancista, biógrafo e músico francês, em razão de seu 70º aniversário. No texto, relata uma viagem que fez com seu irmão mais novo, em que visitaram Roma, Itália e algumas regiões da costa do Mediterrâneo. Ao se deparar com a estranha incredulidade de estar diante da Acrópole de Atenas, afirma que “ver algo com os próprios olhos é, afinal, coisa muito diferente de ouvir contar ou de ler a respeito” (Freud, 1936/1996, p. 239). Mais à frente, conclui que é possível observar esse fenômeno sob duas formas: a despersonalização, em que parte do Eu, ou da realidade, torna-se estranha ao sujeito, e a *fausse reconnaissance* ou *déjà-vu*, que seriam “ilusões em que procuramos aceitar algo como pertencente ao nosso ego, do mesmo modo como nas desrealizações, nos empenhamos em manter algo fora de nós” (Freud, 1936/1996, p. 242).

O que podemos inferir a partir desse relato da experiência de Freud diante dessa dimensão do encontro é de que o encontro produz, ou denuncia, a divisão subjetiva. Pensar a relação entre psicanálise e cultura é pensar nas mais diversas faces da *poiesis*, é levar em conta essa dimensão do encontro. Quando nos deparamos com as elaborações artísticas de nossos tempos, com o que nos encontramos? O que está em jogo no encontro é o deparar-se com uma divisão em nós mesmos, como em uma dupla voz. Como cada um vai operar sobre essa divisão?

### **Lalangue: ranhuras no corpo e o fazer poético**

Acerca da divisão subjetiva, essa noção retorna em Lacan (1959-1960/2018, p. 176) a partir da compreensão de um sujeito faltante que vai se haver com a linguagem e seus furos, o que a poesia denuncia do inconsciente, “a partir do que não se completa, tampouco se fecha, mas configura-se com idas e vindas do significante, em voltas e novos turnos de procura do objeto que *é/está* perdido para sempre”. Lacan denomina estádio do espelho a passagem do corpo despedaçado, constituído, para o corpo como unidade e cuja função é a de “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 100), tendo sua imagem de si mesmo formada a partir do olhar desejante de quem lhe oferece os cuidados primordiais, que marcam a experiência de satisfação de suas necessidades, ao mesmo tempo que as nomeia, insere o sujeito em uma ordem que delimita seus fragmentos corporais e unifica seu corpo, dissolvendo a sensação de desintegra-

ção. Alienar-se na linguagem é a única forma que o sujeito tem de se humanizar. Entretanto, o registro do imaginário se instaura não apenas a partir da assunção da imagem, mas também a partir da instauração da marca significante.

Na “Carta 112 [52]”, Freud (1896/2016) vai evocar como as inscrições, as marcas e a memória se inscrevem até chegarem à tradução da consciência, como ecos do dizer, e postula o inconsciente como uma escrita — escrita psíquica —, a partir do ato do recalque. A letra é a escrita de *lalangue*, que faz referência a esse ponto de Real que é impossível de traduzir. Para Lacan (1973/2003), *lalangue* é real da língua e outra forma de amarração do sujeito. Partindo da noção de que o inconsciente se opera a partir da impossibilidade de abarcar o real, a letra aponta uma tentativa de bordejamento desse impossível que se apresenta e atravessa o sujeito. *Lalangue* é o rumor da língua, outra dimensão da linguagem que toca o corpo e faz marca, reverbera a partir de sons que produzem corte na libra de carne. *Lalangue* é o ponto no qual aquilo que é do sentido, da comunicação, da linguagem se encontra fora; é o ritmo da língua, é o ponto que se enlaça à pulsão e ao gozo (Soler, 2012).

O que *lalangue* provoca para o sujeito é uma marca subjetiva, que não se pode dizer toda, na tentativa de bordejar um sentido diferente do sentido total, que ilusoriamente o discurso capitalista promete alcançar, um sentido que o sujeito criativamente “inventa” a partir de trilhamentos para satisfazer seus desejos, para decifrar seu enigma. *Lalangue* é a condição do sentido, pois inaugura uma gama outra de sentidos que se perdem da apreensão significante (Lacan, 1974/2016). A linguagem, portanto, opera a partir de uma torção, aquilo que se despreza na língua e o ponto em que algo do Real pode ser enlaçado. Ao abordar o encontro leitor-texto, Luciana Brandão Carreira (2014) tece uma compreensão acerca da temporalidade da escrita poética nos textos de Clarice Lispector. Na medida em que povoa o mundo dos afetos, a temporalidade desses escritos é a temporalidade pulsional, a partir da inscrição da morte nas malhas corporais, resultado dessa dimensão que escapa ao simbólico, a escrita poética, e aproxima-se da inscrição psíquica; portanto, na medida em que testemunha o “momento em que a língua materna (*lalangue*) marcou o corpo do artista, no tempo da inscrição de um traço que funda e permite ao sujeito fazer frente à falta de um significante no campo do Outro” (Carreira, 2014, p. 36).

É dos restos, dos ecos do dizer, que se ocupam os poetas — e os psicanalistas, na medida em que o trabalho do analista tem como suporte a poesia, posto que a interpretação se faz a partir dela, desses sons, “dos equívocos e tropeços em que elisões produzem significantes esvaziados de qualquer sentido, das torções de sentido em que o *nonsense* e a surpresa fazem sua morada” (Sousa, 2016, p. 158). Ao nos depararmos com o real do dizer cultural, estamos diante de nossa acrópole, que remete ao encontro com nossa própria esfinge, esse encontro em que o sujeito se apresenta

como oferenda para a voracidade do outro, constitui-se como sujeito e se oferece como objeto de gozo. Eis aqui a dimensão da pulsão de morte que convoca ao fazer poético. A partir do exposto, podemos indagar as seguintes questões: O que, diante de cada sujeito, faz função de acrópole? E como cada um responde a isso? Qual é o encontro que faz cultura? E, mais ainda, o que se pode pensar do dizer cultural que, na pós-modernidade, é atravessado pelo capitalismo?

## O discurso capitalista e a arte como produto

Iniciemos a abordagem da influência do capitalismo nas manifestações da subjetividade a partir da discussão sobre o que podemos chamar de perversão generalizada na contemporaneidade. A relação que esse termo tem com a subjetividade é discutida por Lacan em seu texto “Kant com Sade”, de 1963, em que discorre acerca do conflito subjetivo entre moral e gozo a partir da análise dos textos de Kant e Sade (*Crítica da razão prática* e *A filosofia na alcova*, respectivamente).

Lacan (1963/1998) compreende o princípio do prazer como a lei do bem, do bem-estar, que submete o falante e determina seus objetos de satisfação, separando-se das éticas tradicionais ao introduzir a dimensão do inconsciente. Kant faz objeção a essa compreensão, delimitando o bem como estando articulado no corpo da lei, excluindo o que seria patológico e tornando os prazeres menos respeitados. Ao instaurar uma máxima universal articulada à lei moral, subtrai-se a dimensão desejante do outro em prol do bem, do dever, desconsiderando a dimensão inconsciente que rege o sujeito. Para Sade, a máxima que se coloca é a subjetiva da vontade, do imperativo de gozo: “É pelo fato de que nenhum homem pode ser de outro homem propriedade, nem de algum modo seu apanágio, que não se pode disso fazer um pretexto para suspender o direito de todos se usufruírem dele, cada qual a seu gosto” (Lacan, 1963/1998, p. 782). A articulação entre essas duas máximas se dá pelo reconhecimento de um sentimento: a dor. A libertinagem sadiana seria influenciada pela moral kantiana no sentido de subvertê-la.

Esse paradoxo, que é comum tanto à moralidade defendida por Kant quanto à perversão, é haver algo para além da busca do bem-estar, o indizível da pulsão de morte que se relaciona com a perversão, na medida em que o desejo se situa aqui como vontade de gozo, um excesso que na fantasia sadiana vai além do prazer e alcança a dor. Pode-se inferir a partir desse texto que, nessa dança entre moralidade e gozo, o discurso capitalista se insere e adiciona o poder de compra como máxima a ser seguida, ou melhor, foraclui o laço social formador dos outros quatro discursos que postula em sua obra (Badin & Martinho, 2018).

Badin e Martinho (2018) abordam a construção de Lacan acerca do discurso do capitalista e a concepção de mais-de-gozar relacionada com o termo utilizado por Marx (1987/2009), ao se referir ao lucro sobre o trabalho exercido pelo entregador, parafraseando o termo mais-valia com o conceito de mais-de-gozar, que se apresenta



no discurso capitalista. Em “Televisão”, Lacan (1973/2003) discorre sobre o saber do sujeito inserido nesse discurso como “um saber que não pensa, não calcula e não julga” (Badin & Martinho, 2018, p. 150), e responde sobre o lugar em que o psicanalista se posiciona diante da “sustentação” da miséria do mundo, ao que aponta o discurso do capitalismo como o que condiciona essa miséria, na medida em que seu imperativo de gozo incita a busca de produtividade e consumo incessantemente: “ao referir essa miséria ao discurso do capitalista, eu o denuncio” (Lacan, 1973/2003, p. 516). O capitalismo tem como interesse o acúmulo de capital, o consumo desenfreado de *gadgets*, conhecimento, *likes* e pessoas, oferecendo objetos na tentativa de tamponar a falta, desimplicando o sujeito. Qual é o estatuto do sujeito na lógica capitalista? Um indivíduo<sup>4</sup> que não se implica, que consome sem questionar o que se coloca como propaganda, forjada pela indústria, impulsionado a produzir e a consumir cada vez mais. Posto isso, de que maneira essa lógica do consumo desenfreado subverte o dizer cultural aqui representado pela *poiesis*, situando-a não mais nesse lugar de articulação das dimensões de operação para transformá-la em produto?

Considerando que os fatores sociais vão repercutir na criação artística, a maneira com que o sujeito, inserido em uma cultura regida pelo mercado, depara-se com o dizer cultural representado pelas artes também sofrerá modificações. A mais recente criação tecnológica relacionada com o mercado artístico são os NFTs. Segundo a definição de Mastrobuono (2021), trata-se de um *token* representativo de propriedade sobre um item a partir da criptografia dos *blockchains*.<sup>5</sup> A princípio, essa tecnologia estaria a serviço de artistas que utilizam meios digitais para assegurarem direitos autorais sobre suas obras publicadas virtualmente, garantindo a segurança e a autenticação delas; porém, a discussão gerada a partir da criação dos NFTs se estende à discussão sobre a desmaterialização da arte, como Silva e Silva (2021) abordam no artigo “Um quadro de Picasso encriptado: sobre NFT e desmaterialização”, ao relatarem a queima da gravura *Fumeur V*, de Pablo Picasso, com a intenção de demonstrar a utilidade dos NFTs para eternizar obras no mundo virtual. A controvérsia em torno da performance abre espaço para aplausos e polêmicas e levanta a discussão sobre a relevância da materialidade e o questionamento do que é fazer arte. Por operar em diversas dimensões e capturar cada sujeito a partir de sua história e constituição psíquica particular, articulada à cultura, a arte sempre teve como prerrogativa o inesperado, o choque, as infinitas possibilidades de respostas de seu público. O que se coloca como questão a partir dos surgimentos dos NFTs e do mercado bilionário que eles geram a partir de cenas como essa da queima da obra de Picasso é: em que lugar se localiza a arte na lógica do mercado?

---

4 “A palavra indivíduo deriva do latim ‘*individuus, a, um*’, com sentido do que é impossível de se dividir” (Dicio, Dicionário online de português, 2022). A partir da etimologia da palavra, denota-se uma compreensão de indivíduo como um sujeito indivisível, o que não levaria em conta a questão da divisão subjetiva constituinte do ser, suas contradições e a regência do inconsciente.

5 Código de registro de transações e controle de ativos tangíveis e intangíveis (IBM, c2023).

O objeto da negociação, o produto ou o que representa não são o que está em jogo quando falamos dos NFTs. Conforme Ghedin (c2021, sem página), o NFT gera “valor do nada e justifica-se em si mesmo com base em direitos arbitrários de propriedade e causando um impacto ambiental gigantesco no processo”. Para além da especulação digital e do capital justificando a si mesmo, a produção de um NFT gera um impacto ambiental significativo.

Corroborando Mastrobuono (2021, sem página): “A certificação NFT, portanto, parece ter mais valor pela captura do momento de criação e pelo registro de que algo foi criado do que pela relevância de seu autor”, ou pelo valor simbólico de sua obra e por como ela nos remete à nossa acrópole particular, provocando um vazio de sentido e significação, atribuindo à pura imagem o poder de compra, que denuncia o gozo puro, que, lenta e freneticamente, em um paradoxo tecnológico, seduz o sujeito ao abismo vacilante da angústia.

## Considerações finais

A economia do desejo se difere da economia do gozo, que inclui o corpo, e, para que o sujeito deseje, é necessário que o gozo seja reduzido, seja por enodamentos e articulações significantes, seja, a partir desse outro lugar, por amarrações, invenções, criações. Ao pensarmos tanto na clínica quanto na diversidade de produções que abarcam a arte como dizer cultural e/ou fazer poético, os fenômenos que se relacionam com o real são desconcertantes e demandam um saber-fazer diferente de dar cadeia aos significantes. É preciso saber fazer com o sintoma, transformar as impossibilidades que invadem, recortam novas possibilidades criativas diante do que é inominável.

Encontrar novos sentidos por meio da fala, mas também por meio do que chamamos de resto, vacilos, embargos, modulação dos discursos, disso que se trata a *poiesis* e seus ímpetos, que denuncia a marca de *lalangue*, que ecoa seus sons e reverberações que preenchem os sulcos e inauguram, encarnam um sujeito. O discurso do capitalismo não considera a dimensão do encontro e situa o sujeito como mero consumidor de seus *gadgets*, *lifehacks* e produtos que prometem a satisfação completa, ou, ainda, que tentam tamponar a falta e foracluir o laço social e o estranhamento que este causa. Assim, pensa-se na dimensão do dizer cultural e desse encontro que faz cultura, que lança o sujeito para o confronto com sua própria divisão subjetiva, que a pós-modernidade não o lança ao questionamento de seu próprio desejo, consumindo produtos com a promessa de exclusividade, garantia ou dita inovação, que, na verdade, o subtrai da lógica mercantilista de um semblante de *poiesis* sem sujeito, sem laço, sem dimensão do encontro, em que o fazer artístico se torna produto.

## Referências bibliográficas

- Askofaré, S. (2019). Considerações sobre o corpo em sua relação com a estrutura e os discursos. In D. S. Chatelard & M. C. Maesso (Org.), *O corpo no discurso psicanalítico*. Curitiba: Appris. (Trabalho original publicado em 2009)
- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Triivium: Estudos Interdisciplinares*, X(2), 140-154.
- Carreira, L. B. (2014). *Os tempos da escrita na obra de Clarice Lispector: no litoral entre a literatura e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Colonnelli, M. V. C. (2009). *Poiesis, tékhne e mimesis em Aristóteles*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Recuperado em 12 de março, 2023, de <https://philarchive.org/archive/COLPTE-2>
- Cruglak, C. (2001). *Clínica da identificação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Dicio, Dicionário online de português (2021). *Solipsista*. Porto: 7Graus. Recuperado em 18 de dezembro, 2021, de <https://www.dicio.com.br/solipsista/>
- Dicio, Dicionário online de português (2022). *Indivíduo*. Porto: 7Graus. Recuperado em 8 de maio, 2022, de <https://www.dicio.com.br/individuo/>
- Freud, S. (1996). Um distúrbio de memória na acrópole. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1936)
- Freud, S. (2011). Resumo da psicanálise. In S. Freud. *Obras completas: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2016). Carta 112 [52], de 6 de novembro de 1896. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud: neurose, psicose, perversão* (M. R. S. Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (2016). *Além do princípio do prazer* (R. Zwick, Trad.) (1a ed.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud: cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos* (M. R. S. Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921)
- Ghedin, R. (c2021). *O delírio dos NFTs nos levará ao fim do mundo: manual do usuário*. Recuperado em 21 de dezembro, 2021, <https://manualdousuario.net/nft-criptomoedas-absurdo/>
- IBM (c2023). *O que é a tecnologia blockchain?*. Recuperado em 12 de março, 2023, de <https://www.ibm.com/br-pt/topics/blockchain>
- Lacan, J. (2018). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960)

- Lacan, J. (1998). Kant com Sade. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1963)
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2008). *Seminário 16: de um Outro a outro*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2010). *Encore*. Rio de Janeiro: Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2016). *A terceira* (A. T. Ribeiro, Trad.). Para circulação interna na Escola Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1974)
- Machado, Z. (2010). O inconsciente e o corpo. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (20).
- Marx, K. (2009). *O capital. Livro 4: teorias da mais-valia* (Vol. 1). São Paulo: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1987)
- Mastrobuono, B. (2021, 16 de março). Do que falamos quando falamos sobre NFTs. In *SP-Arte*. Recuperado em 20 de dezembro, 2021, de <https://www.sp-arte.com/editorial/do-que-falamos-quando-falamos-sobre-nfts/>
- Platão (2011). *Xuprócriov = O banquete* (J. Burnet, Texto grego; C. A. Nunes, Trad.) (3a ed.). Belém: Editora UFPA.
- Silva, A. R., & Silva, C. P. (2021). Um quadro de Picasso encriptado: sobre NFT e desmaterialização. *Jornal da USP*. Recuperado em 20 de dezembro, 2021, de <https://jornal.usp.br/?P=449292>
- Soler, C. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Sousa, L. M. A. (2016, janeiro-junho). O real e a poesia nos entremeios litorâneos de Pêcheux e Lacan. *Fragmentum*, 47.
- Sterlino, A. L. et al. (2019). Há um corpo. In D. S. Chatelard & M. C. Maesso (Org.), *O corpo no discurso psicanalítico*. Curitiba: Appris.

**Recebido:** 01/12/2022

**Aprovado:** 15/12/2022